



XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DA UNDB
COMUNIDADES TRADICIONAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
(XVII EC 2024)

RESUMO EXPANDIDO

A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE E DO DESEJO PARENTAL DE CUIDAR: contribuições psicanalíticas sobre o desenvolvimento infantil¹

Deiara Maria Matos Leite Sobral²

Lidiane Veronica Collares Da Silva³

RESUMO

Entender como o espaço onde as crianças são recebidas no bojo familiar e como o desejo parental implica na sua socialização é um fator de constantes pesquisas dentro do contexto do desenvolvimento infantil. Delimitar essa problemática dentro do viés discutido pela Psicanálise, reforça ainda mais a importância dos cuidados emocionais essenciais com a primeira infância. O objetivo desse resumo expandido consiste em compreender a influência do ambiente e do desejo parental de cuidar no desenvolvimento infantil sob uma perspectiva psicanalítica, analisando sua importância e os seus impactos ao longo da vida. Este estudo de cunho qualitativo, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Com os resultados desse trabalho, conclui-se que um ambiente seguro e estável e o desejo positivo dos cuidadores na criação do infante são fatores necessários para um desenvolvimento saudável, além de criar um padrão que poderá moldar a construção na sua forma de se relacionar com os outros e consigo mesmo ao longo da vida.

Palavras-chave: Desejo parental. Desenvolvimento infantil. Psicanálise. Teoria do apego.

1. INTRODUÇÃO

A finalidade do presente trabalho está pautada na análise e compreensão dos impactos que o desejo parental de cuidar e o ambiente causam, sendo eles favoráveis ou não, na criança e seu desenvolvimento, sob uma perspectiva psicanalítica. Esses impactos podem ser percebidos durante toda a vida do sujeito, formando sua maneira de se perceber e se relacionar com o outro. Ao compreender a real importância desses fatores, deve-se buscar preconizá-los na infância a fim de formar jovens e adultos mais saudáveis emocional e socialmente. Diante

¹ Trabalho proveniente do case apresentado à disciplina de Psicologia da Infância e Adolescência da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB;

² Graduanda em Psicologia, UNDB. E-mail de contato: psideiarasobral@gmail.com;

³ Professora, Orientadora, Graduada e Mestre em Psicologia, UNDB. E-mail de contato: lidiane.collares@undb.edu.br.

disso, qual a importância do ambiente e do desejo parental no desenvolvimento infantil sob o viés psicanalítico?

O ambiente e o contexto familiar onde a criança está inserida é de suma importância no seu desenvolvimento cognitivo, psicossocial, moral e cultural. Essa questão é atravessada principalmente nos aspectos psicológicos e emocionais, porque interfere diretamente na capacidade de tomar decisões ao longo da vida, bem como na forma de se relacionar com as pessoas e com o mundo. Sob a ótica da Psicanálise, conforme descreve Cynthia Nunes Farias (2004), o ambiente em que a criança cresce desempenha papel fundamental na criação do seu eu, ou seja, na construção de sua própria identidade.

Para Winnicott (1979), existe uma diferenciação entre os ambientes que a criança pode estar inserida como parte de sua teoria sobre o desenvolvimento infantil, fazendo a separação entre “ambiente facilitador” e “ambiente frustrador”. O primeiro, consiste naquele ambiente no qual os cuidadores ou responsáveis pela criança têm a capacidade de atender as demandas emocionais e física do menor, de maneira eficaz e sensível, criando a conexão que o indivíduo necessita desde a sua formação.

Em contrapartida, o ambiente frustrador de Winnicott (1979) consiste naquele em que há falhas na capacidade de conexão entre o cuidador e a criança, fazendo com que estes não se sintam confortáveis e seguros para expressarem suas emoções e explorarem o mundo que os cerca. Sem suas necessidades atendidas, as crianças podem permanecer em situação de vulnerabilidade e carregar esse sentimento ao longo da vida, por se sentir frustrada e ansiosa, com profunda dificuldade em confiar nas outras pessoas e nas relações. Isso ocorre, porque o indivíduo projeta as relações da primeira infância na construção de suas próximas relações, já que é um perfil ou ambiente familiar para seu inconsciente.

Elsa Dias (2012) aponta, através de uma minuciosa revisão das obras do pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott, como essencial um ambiente facilitador para o desenvolvimento saudável das crianças, principalmente para estabelecer senso de autonomia e autoestima, através da construção de uma identidade positiva. Por exemplo, no contexto de um infante em caráter de abandono, a criança tem menor probabilidade de obter suas demandas

afetivas e emocionais atendidas, com isso o senso de pertencimento também será prejudicado. Nesse mesmo sentido, Modim (2008 apud LIMACHI et al, 2017, p.19) descreve:

No entanto, na prática indutiva se vê presente atitudes, por parte dos pais e cuidadores, que expressam afetividade, como abraços e beijos, e o próprio comportamento moral destes pais possibilita que as crianças tenham um referencial a seguir. A monitoria ocorre de forma positiva, nela os pais se envolvem nas atividades da criança (como no brincar) e ainda promovem o bom comportamento destas, através de elogios e retorno positivo. A disciplina é coerente e adequada ao comportamento indevido da criança, pois através de um diálogo explicativo, ela compreende a(s) consequência(s) que sua atitude gerou. Pais que adotam este tipo de prática educativa garantem a criação e manutenção de um comportamento adequado, resultando em uma criança com maior autonomia e com autoestima fortalecida.

Nesse mesmo sentido, John Bowlby (2002) desenvolveu a teoria do apego, e destaca a importância da conexão e relacionamento emocional entre a criança e seus cuidadores para um desenvolvimento saudável. Ainda, Bowlby acrescenta que esse ambiente seguro e respeitável é fundamental para a criação de laços saudáveis, ocasionando o apego. Explicita Bowlby (2004, p. 32):

Os elementos primordiais são observações relativas ao comportamento de crianças de tenra idade, em situações bem definidas. À luz de tais dados, procura-se descrever certas fases iniciais da atuação da personalidade; com base nessas descrições, tenta-se, em seguida, realizar extrapolações com respeito ao futuro.

Por conseguinte, partindo do pressuposto de que é na primeira infância que se estrutura o comportamento do indivíduo, o método deve partir da observação das crianças, em suas primeiras fases da vida, para entender como tenderão a funcionar na sua fase adulta. Esse fato ocorre de maneira análoga na teoria de Bowlby (2002), pois é justamente no apego seguro, ou seja, vínculo saudável e de confiança estabelecido entre os cuidadores e as crianças, que se moldará a base para a construção de relacionamentos estáveis e sadios ao longo da vida do menor.

Sob o viés psicanalítico, o desejo de cuidar dos pais (ou figura representativa) também é fator de demasiada relevância na construção identitária e das relações desse novo indivíduo, além de seu bem-estar emocional. Segundo Melanie Klein (1937), os desejos da mãe em relação ao filho, assim como sua capacidade de lidar e atender as necessidades emocionais da criança, influenciam extraordinariamente no desenvolvimento emocional do bebê.

Nesse mesmo raciocínio, John Bowlby (2002) expõe a importância das primeiras relações para o desenvolvimento infantil, desde o nascimento até os seis anos de idade. Essa



XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DA UNDB
COMUNIDADES TRADICIONAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
(XVII EC 2024)

relação inicial é permeada pelo desejo ou não do cuidador de ser a figura parental responsável pelo infante. Assim, o autor enfatiza que a repetição do padrão das interações iniciais do cuidador com o bebê formará um modelo interno que regerá seu futuro modo de se relacionar.

Deste modo, o desejo de cuidar e atender as carências emocionais como um todo da criança criará o apego seguro e um ambiente facilitador, tão indispensáveis para um desenvolvimento emocional e psicossocial saudável. Espera-se com esta pesquisa aumentar a visibilidade sobre a importância do processo de planejamento familiar, análise, autoconhecimento ou apoio psicológico para que os vínculos sadios sejam preponderantes nos núcleos familiares. Além disso, fomentar estudos e produção científica sobre o desenvolvimento infantil dentro de uma reflexão psicanalítica.

2. OBJETIVOS

Nessa conjuntura, este estudo tem como objetivo compreender a influência do ambiente e do desejo parental de cuidar no desenvolvimento infantil sob uma perspectiva psicanalítica e, com isso, analisar os impactos positivos ou negativos advindos dentro de contextos favoráveis e desfavoráveis.

3. METODOLOGIA

Para a coleta das informações pertinentes a este trabalho, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. Os recursos utilizados para argumentação e tomada de decisão se deu através de revisão bibliográfica pautada em livros e artigos científicos publicados, bem como a delimitação de tema fundada nos conceitos teorias do desenvolvimento infantil apresentadas sob viés psicanalítico, especialmente em conformidade com a perspectiva de psicanalistas como Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott e John Bowlby. Essa abordagem e metodologia permitiu uma análise mais profunda e detalhada de como a primeira infância merece demasiado cuidados e atenção, por moldar o indivíduo em suas tomadas de decisões e relações futuras.

4. RESULTADOS

Os dados coletados resultantes da revisão da literatura foram distintos em dois fatores: os relacionados ao ambiente e os relacionados ao desejo das figuras parentais em cuidar ou não



XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DA UNDB
COMUNIDADES TRADICIONAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
(XVII EC 2024)

do infante. O primeiro estabelece que para um desenvolvimento infantil saudável há necessidade de crescimento dentro de um ambiente classificado como estável, seguro, de acolhimento emocional, que garanta a qualidade de vida social, moral, psicológica e cultural da criança.

O segundo, por sua vez, versa sobre o desejo desses cuidadores. Em como esses cuidadores sentem-se desde a concepção dessa(s) criança(s), qual sentimento é a base dessa relação e como esse vínculo se desenvolve dentro da interação familiar. As relações e contato inicial, ou seja, a relação com a figura dos pais, é que será tida como referência, no inconsciente para a construções e molde na maneira de se relacionar. Ou seja, as crianças que entendem e se sente inseridas num ambiente familiar que são desejados, queridos e amados, acima apenas da obrigação de seus responsáveis, são propensas a desenvolverem relações mais saudáveis ao longo da vida.

5. CONCLUSÃO

A realização desse estudo demonstrou a importância do vínculo afetivo e espaço emocional onde as crianças são recebidas no mundo. Do mesmo modo, foi possível identificar os principais impactos quando esses espaços não são favoráveis para o desenvolvimento infantil. Também, acrescenta-se que o infante já tenha concebido parte de seu crescimento em ambiente frustrador, ou impróprio, há ainda, uma nova oportunidade de continuação na construção de uma identidade positiva.

Para tanto, torna-se necessário que os cuidadores ou responsáveis, desejem e estejam dispostos a favorecer e estender sua atenção a fim de proporcionar um ambiente facilitador que toda criança merece ter em sua vivência e exploração. Perpetuar os infantes com figuras parentais de cuidadores que não possuem o desejo subjetivo de cuidar, mesmo que condicionadas pelo meio e pela falta de recursos e auxílio, seria agravar os danos ao desenvolvimento dessas crianças.

Com isso, a conclui-se que o foco principal seria sempre optar por um ambiente mais propício para o desenvolvimento psicossocial, cognitivo, cultural e moral dos menores, bem como em cuidadores com reais desejos de cuidar e com maior probabilidade de atenção aos cuidados físicos e emocionais das crianças. Visto que, esse fato impactará diretamente ao longo da vida desse indivíduo e suas relações.



XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DA UNDB
COMUNIDADES TRADICIONAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
(XVII EC 2024)

REFERÊNCIAS

- BOWLBY, J. Apego e Perda: Apego. V. 1 da trilogia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOWLBY, J. Apego e Perda: Separação: Angústia e Raiva. V. 2 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- DIAS, E. (2012). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. São Paulo: DWWe.
- ESPERANDIO, M. R. G.; AUGUST, H. TEORIA DO APEGO E COMPORTAMENTO RELIGIOSO - DOI 10.5752/P.1983-2478.2014v9n16p243. INTERAÇÕES, v. 9, n. 16, p. 243-265, 7 dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2014v9n16p243>> Acesso em: 8 abril 2024.
- FARIAS, C. N. F.; LIMA, G.a G. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. Estilos clin., São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-27, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 nov. 2024.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Imago.
- KLEIN, M.; RIVIÈRE, J. (1937). Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Imago/Edusp, 1975.
- LIMACHI, E. K. U.; GOMES, E.; RUVIARO, J.; FIORIN, M. H. C.; KRUEL, C. S.; GUAZINA, F. M. N. A importância das relações respeitadas para o desenvolvimento infantil. Disciplinarum Scientia. Ciências Humanas, Santa Maria (RS, Brasil), v. 17, n. 1, p. 15–25, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/2016>. Acesso em: 31 out. 2024.
- ROCHA, C. S. (2018). O desejo como papel fundamental para o desenvolvimento infantil: uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.
- ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. Nat. hum., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, fev. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 abr. 2024.
- WINNICOTT, D. W. (1971). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- WINNICOTT, D. W. (1979) O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- WINNICOTT, D. W. (2001). A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).